

UMA ABORDAGEM (POSSÍVEL E ETNOLÓGICA)
DO TEXTO LITERÁRIO ESCRITO*

José Carlos Venâncio**

RESUMO: A partir de uma revisão teórica de alguns textos relativos às possíveis leituras do texto literário escrito, o autor, a título de exemplo, utiliza trechos da obra do poeta angolano José da Silva Maia Ferreira e do romancista Castro Soromenho para exemplificar sua hipótese relativa a uma leitura ideológica.

UNITERMOS: Metodologia literária. Etnicidade. Instrumentalização do texto.

A idéia de abordar etnologicamente um texto escrito nasceu da minha *praxis* didática na Universidade de Heidelberg (*Institut für Übersetzen und Dolmetschen*), nomeadamente quando me vi confrontado com a necessidade de transmitir a alunos alemães as literaturas africanas em língua portuguesa. O que era para mim claro, não o era para eles, tão estranhos ao tema. Tal situação levou-me a optar por uma metodologia que lhes fornecesse uma visão de conjunto e simultaneamente profunda dessas literaturas, buscando a sua explicação sócio-cultural, contribuindo ao mesmo tempo para o conhecimento das sociedades em causa.

O texto literário é sociologicamente passível de duas espécies de abordagem: uma consiste na instrumentalização do texto como fonte de informação social e a outra, concentrando-se na relação autor – universo fictício (o caso da corrente marxista, com realce para a obra de Lukács)¹ ou na relação autor – universo fictício – público leitor (corrente positivista, representada na obra de

(*) O texto original foi uma comunicação apresentada no colóquio *Teoria do Texto*, realizado na Universidade de Évora, Departamento de Línguas e Literaturas, de 28 de Fevereiro a 2 de Março de 1985.

(**) Do Institut für Übersetzen und Dolmetschen, Heidelberg, Alemanha Ocidental.

(1) Ver a este propósito Jürgen Scharfschwerdt, *Grundprobleme der Literatursoziologie*, Estugarda: Kolhammer, 1977, pp. 140-50.

Escarpit)², pretende averiguar a validade e fidelidade estética da obra em função do contexto social em que foi respectivamente produzida e consumida.

O primeiro tipo de abordagem enferma, segundo Fügen³, do facto de que os fenómenos sociais reflectidos na literatura pressupõem na realidade uma prévia interiorização e conseqüente subjectivação. Este facto não impede que investigadores sociais, com as devidas advertências, continuem a usar o valor documental da literatura. Para exemplo, e no que diz respeito à sociologia africana, nomeio os nomes de Gerhard Grohs⁴ e Otto Bischofberger⁵, cujas análises sobre a mutação social nas sociedades africanas se basearam na exploração de auto-biografias e romances, gêneros literários que, pelo facto de serem próprios da civilização ocidental, constituíram em si índices dessa mutação.

O segundo tipo de abordagem tem sido objecto de crítica, no que diz respeito ao panorama intelectual alemão ocidental, por parte dos historiadores da literatura. Enquanto Leo Löwenthal⁶, que conta como um dos representantes da conhecida "Escola de Francoforte", se insurgira contra as tendências metafísicas na abordagem do objecto histórico-literário, Jauss⁷ criticou a corrente marxista, por um lado, e o a-historicismo da formalista, pelo outro, aproximando-se, com a relevância que dá ao factor público, do positivismo de Escarpit, do qual também se afasta a seguir, dado que substitui o tal factor por um conceito mais vasto, o de horizonte de espera (*Erwartungshorizont*).

O horizonte de espera da literatura corresponde não só à expectativa do público perante uma determinada obra literária, como também lhe desperta novos desejos e objectivos, determinando assim o horizonte de espera do futuro,

(2) Ver R. Escarpit, *Sociologie de la littérature*, Paris: PUF, 1958.

(3) Hans N. Fügen, "Die Problemkreise einer speziellen Soziologie der Literatur", in *Literatursoziologie. I - Begriff und Methodik*, ed. de J. Bark, Estugarda: Kohlhammer, 1974, pp. 140-1.

(4) G. GROHS, *Stufen afrikanischer Emanzipation. Studien zum Selbstverständnis westafrikanischer Eliten*, Estugarda, 1967.

(5) O. BISCHOFBERGER, *Tradition und Wandel aus der Sicht Romanschriftsteller Kameruns und Nigerias*, Einsiedeln, 1967 (Diss.).

(6) L. LÖWENTHAL, "Zur Gesellschaftlichen Lage der Literatur", in *Zeitschrift für Sozialforschung*, I, 1980 (original de 1932), pp. 85-102.

(7) HANS R. JAUSS, *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft*, Constância: Universitätsverlag, 1967, pp. 26-66.

Ainda a propósito da nova tendência epistemológica da história da literatura da Alemanha Federal, ver o artigo de Werner Wunderlich, "Renaissance der Literaturgeschichte", in *Rhein-Neckar-Zeitung* (periódico), 17/18 de Março de 1984. Wunderlich, reagindo como Jauss ao facto de a história da literatura tender ao desaparecimento dos "curricula" universitários em favor da crítica literária (Literaturwissenschaft), reafirma, no fim, os princípios teóricos daquele.

não só o literário, como também o da vida em geral, o da "geschichtliche Lebenspraxis"⁸.

A abordagem etnológica distingue-se da sociológica por ser mais qualitativa que quantitativa e por se esperar que o universo narrativo/poético ou dramático (este último enquanto destinado a leitores) pertença a um contexto cultural diferente do leitor. Este facto é responsável pela introdução duma nova variável, a cultural. Há a necessidade de correlacionar o *récit* (as leis que regem o universo fictício) com o contexto cultural em que o mesmo se insere, quer na produção, quer no consumo. Esta preocupação, de índole essencialmente sincrônica, não é diferente da de Jauss, embora esta última encontre a sua justificação numa distância diacrônica entre o sujeito e o objecto da análise.

A correlação *récit*/contexto cultural ou ainda cultura (no sentido em que a moderna etnologia entende este conceito, privilegiando sobretudo o seu aspecto integrativo)⁹ é verificável, no que diz respeito ao discurso narrativo, no que Lucien Goldmann há uns anos, sob influência de Lukács¹⁰, designava de *homologias*. Estas seriam estruturas significantes, que, ao contrário de Lévi-Strauss, não derivavam do inconsciente no sentido freudiano, isto é, como depósito de frustrações, mas sim do consciente colectivo, o que é transponível mecanicamente para o mundo individual, que o mesmo será dizer a fantasia do artista reflecte mecanicamente o consciente colectivo dos membros que integram a sua cultura, comunidade ou até grupo social. O significativo é assim o resultado da diferença entre consciente colectivo e experiência individual, na medida em que esta é incapaz de abarcar aquela na sua totalidade¹¹.

Especificando e actualizando diria que as *homologias* tanto podem ser detectadas a nível textual/semântico (unidades de significação), como semiótico (macro-estruturas de significação, os ideogramas do signo). Enquanto as primeiras se alimentam da estrutura gramatical e semântica, numa relação directa aos enunciados que as compõem, sendo, por isso mesmo, mais explícitas, transcendem as segundas esse nível, no que se tornam fundamentalmente implícitas.

(8) *Ibidem*, p. 66.

(9) Ver a este propósito Ernst W. Müller, "Die Ethnologie und das Studium komplexer Gesellschaften", in *Kölner Ethnologische Mitteilungen* (Festschrift für Helmut Petri), 5, 1973, pp. 374-89 e no que diz respeito à etnologia americana, Frank A. Salamone, "Persona, Identity, and Ethnicity", in *Anthropos*, 77, 1982, pp. 475-90.

(10) J. SCHARFSCHWERDT, *op. cit.*, p. 149.

(11) LUCIEN GOLDMANN, "Die Soziologie der Literatur. Stand und Methodenprobleme", in *Literatursoziologie. I - Begriff und Methodik*, ed. de J. Bark, Estugarda: Kohlhammer, 1974, p. 10.

Elas não referem uma unidade singular, evocando antes um conjunto de imagens e ideias associadas. São elas que permitem a localização daquelas funções que, percorrendo este do princípio ao fim como nebulosas, não proporcionam nesse percurso ao investigador um indicador directo e preciso.

Entre os dois níveis de significação, embora dependentes, raramente se estabelecem relações directas de causalidade, pelo que o recurso às primeiras para que por seu intrínseco se isolem as segundas, e vice-versa, é empresa que nem sempre resulta.

Na linguagem poética são as categorias estéticas, acima referidas como *homologias*, designadas pelo etnólogo francês Bromberger¹² de *estilemas*. Estas seriam unidades de experiência comum, conservadas pela expressão poética, depois que ela se metamorfoseou do sistema quotidiano de comunicação para um micro-sistema de comunicação, não se localizando assim a mensagem poética nem no primeiro sistema de comunicação, nem no segundo, mas sim no espaço que vai dum ao outro. Por outras palavras: a etnicidade¹³ dum texto literário não se localiza nem na forma nem no conteúdo, mas sim no espaço que os relaciona, onde destilam, segundo Bromberger, valores próprios dum grupo, viabilizados pelo conteúdo simbólico particular de que estão investidas as oposições semânticas universais¹⁴. Desse conteúdo deve-se subtrair naturalmente o ideolecto literário de cada poeta em sentido restrito; isto é: o uso particular que ele faz da língua literária¹⁵.

A dimensão transcendental, que no texto narrativo está reservada às macro-estruturas de significação, encontramos-a também na linguagem poética. Algo diferente do que se passa no texto narrativo, ou mesmo no dramático, de-

(12) CH. BROMBERGER, "Littératures" in *Eléments d'ethnologie*, ed. de R. Cresswell, Paris: Armand Colin, 1975, pp. 249-70.

(13) O conceito de etnicidade, no seu aspecto mais geral e centrípido, corresponde ao conceito etnológico de cultura à sua componente integrativa. No que diz respeito ao conceito de cultura, ver para além dos autores citados (nota 9), W. H. Goodenough, "Cultural Anthropology and Linguistics", in *Report of the seventh annual round table meeting on linguistics and language study* (Monograph Series in Languages and Linguistics, Nº 9), Paul L. Garvin ed. Washington D. C.: Georgetown University Press. Segundo este autor, a cultura dum sociedade é aquilo que se tem de saber e acreditar, para que cada comportamento esteja conforme com o dos outros membros, sendo então por eles aceite. O conceito de etnicidade na sua acepção restrita e centrífuga denota a visão do mundo particular a cada grupo social que integra uma cultura.

(14) CH. BROMBERGER, *op. cit.*, p. 266.

(15) Este grau de especificação corresponderá, em parte, àquele que Bromberger, referindo-se aos textos orais, designa de microétnico, prevendo com esta designação não só o ideolecto do narrador, como também o gosto do público, do qual o primeiro depende.

rivam as macro-estruturas de significação no texto lírico (onde se assiste a uma identificação quase completa entre o eu do autor textual e o eu lírico) mais directamente das oposições semânticas que perfazem o que em Bromberger recebe a designação de estilemas. Enquanto os estilemas se encadeiam entre si horizontalmente, entre eles e as macro-estruturas de significação estabelecem-se relações verticais.

Tomemos a literatura angolana como exemplo. Atendendo à existência dum sociedade bio-culturalmente criouliada, donde surgiram as primeiras manifestações de nacionalismo e donde são originários os actuais dirigentes políticos, seria um exemplo de estilema o seguinte excerto dum poema de José da Silva Maia Ferreira, do livro *Espontaneidades da minha alma - Às senhoras africanas*, publicado em 1849:

.....
"Teus cabelos da cor de ouro
São do mundo o meu tesouro"

Este estilema vale pelo lado negativo, isto é, ele denuncia precisamente a alienação do autor (detectável a nível dum macro-estrutura de significação e precedida dum leitura da sua obra global seguida da fixação das intertextualidades, do arquiteyto, etc...), o que levou empiricamente Mário António¹⁶ a afirmar que a musa do poeta, embora o livro tnhá sido dedicado às senhoras africanas, era europeia.

No que diz respeito ao discurso narrativo, constitui a obra de castro Soromenho¹⁷, o que tem a ver também com a sua fidelidade ao neo-realismo, um campo privilegiado para a aplicação dum tal metodologia, na medida em que nela se consubstanciam numa relação de causalidade quase directa as macro-estruturas e unidades de significação. Refiro-me fundamentalmente à segunda fase da sua obra (romances: *Terra Morta*, 1949; *Viragem*, 1957; *A Chaga*, 1970), onde, embora o autor se revele anti-colonialista (a nível dum macro-estrutura de significação), não pode ser considerado por esse facto um autor angolano. Ele realiza homologia (situada esta já num espaço entre macro-estrutura e unidade de significação) com as personalidades Vasco Serra (em *A Chaga*) e Joaquim

(16) MÁRIO ANTÓNIO (Fernandes de Oliveira), "O primeiro livro de poemas publicado na África Portuguesa", in *Ocidente*, LXXIX, 1970 (Sep.).

(17) J. C. VENÂNCIO, *Uma perspectiva etnológica da literatura angolana*, Lisboa: Ulmeiro, 1986.

VENÂNCIO, José Carlos. Uma Abordagem (Possível e Etnológica) do Texto Literário Escrito. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP. S.Paulo, 11 (1): 137-142, 1988.

Américo (em *Terra Morta*), aspirantes administrativos coloniais, contrários ao sistema mas que se identificam apenas no plano político com os africanos e mulatos, filhos de colonos de Camaxilo, vila localizada algures no nordeste de Angola. O sentimento etnocultural, a utopia destes personagens, continua a ter o centro de irradiação localizado em Portugal.

Concluindo: o texto literário escrito torna-se através duma abordagem etnológica revelador duma etnicidade e, mais do que isso, da utopia que, inerente a ela, constitui, por outro lado, a sua razão de existência. E isto porque a estética, entendida no sentido que Ernst Bloch¹⁸ lhe atribui, antecipando no Homem o seu sentimento etno-cultural, lhe possibilita partilhar da "procura duma pátria" (*Heimat*), à medida que se vai desalienando a si próprio e em relação à natureza.

O factor público, só por atenção à segunda dimensão que Jauss, através do seu conceito de horizonte de espera lhe pretendeu atribuir, torna-se numa abordagem etnológica revelante, isto, porque a existência dum público leitor pressupõe a de um universo literário e cultural (um código semiótico literário, se quisermos) que poderá não ser o do produtor textual, isto é, poderá estar diacronicamente afastado dele. Em tal situação um estudo contrastivo do texto em causa em relação aos dois respectivos universos poderá levar mais rapidamente e com maior fidelidade à detecção do substrato utópico inerente à cultura em causa e em estudo.

ABSTRACT: From the Theoretical revision of some texts related to the possible readings of literary written texts the author, as such example, uses extracts of the Angolan Poet José da Silva Maia Ferreira and of the novelist Castro Soromenho to exemplify his relative hypothesis to ideological literature.

(18) E. BLOCH, *Subjekt-Objekt: Erläuterungen zu Hegel*, Francoforte: Suhrkamp, 1981 (2ª ed.), pp. 510 e segs. Quanto à bibliografia secundária ver José Jiménez, *La estética como utopia antropológica*. Bloch y Marcuse, Madrid: Tecnos, 1983, p. 43 e segs.